

DOMINGO V DA PÁSCOA

CIC 2746-2751: a oração de Jesus na última Ceia

- 2746** Ao chegar a sua «Hora», Jesus ora ao Pai¹. A sua oração, a mais longa que nos é transmitida pelo Evangelho, abraça toda a economia da criação e da salvação, bem como a sua morte e ressurreição. A oração da «Hora» de Jesus continua sempre sua, tal como a sua Páscoa, acontecida «uma vez por todas», continua presente na liturgia da sua Igreja.
- 2747** A tradição cristã chama-lhe, a justo título, a oração «sacerdotal» de Jesus. Ela é, de facto, a oração do nosso Sumo-Sacerdote, inseparável do seu sacrifício, da sua «passagem» (páscoa) deste mundo para o Pai, em que é inteiramente «consagrado» ao Pai².
- 2748** Nesta oração pascal, sacrificial, tudo está «recapitado» n'Ele³: Deus e o mundo, o Verbo e a carne, a vida eterna e o tempo, o amor que se entrega e o pecado que o atraiçoa, os discípulos presentes e os que n'Ele hão-de crer pela palavra deles, a humilhação e a glória. É a Oração da Unidade.
- 2749** Jesus cumpriu perfeitamente a obra do Pai e a sua oração, como o seu sacrifício estende-se até à consumação do tempo. A oração da «Hora» preenche os últimos tempos e leva-os à sua consumação. Jesus, o Filho a Quem o Pai tudo deu, entrega-Se todo ao Pai; e, ao mesmo tempo, exprime-Se com uma liberdade soberana⁴, segundo o poder que o Pai Lhe deu sobre toda a carne. O Filho, que Se fez Servo, é o Senhor, o *Pantocrátor*. O nosso Sumo-Sacerdote que ora por nós é também Aquele que em nós ora e o Deus que nos atende.
- 2750** É entrando no santo nome do Senhor Jesus que podemos acolher, desde dentro, a oração que Ele nos ensina: «Pai nosso!». A sua oração sacerdotal inspira, a partir de dentro, as grandes petições do Pai-nosso: a preocupação com o nome do Pai⁵, a paixão pelo seu Reino (a glória)⁶, o cumprimento da vontade do Pai, do seu desígnio de salvação⁷, e a libertação do mal⁸.
- 2751** Finalmente, é nesta oração que Jesus nos revela e nos dá o «conhecimento» indissociável do Pai e do Filho⁹, que é o próprio mistério da vida de oração.

¹ Cf. Jo 17.

² Cf. Jo 17, 11.13.19.

³ Cf. Ef 1, 10.

⁴ Cf. Jo 17, 11.13.19.24.

⁵ Cf. Jo 17, 6.11.12.26.

⁶ Cf. Jo 17, 1.5.10.22.23-26.

⁷ Cf. Jo 17, 2.4.6.9.11.12.24.

⁸ Cf. Jo 17, 15.

⁹ Cf. Jo 17, 3.6-10.25.

CIC 459, 1823, 2074, 2196, 2822, 2842: “Como Eu vos amei”

- 459** O Verbo fez-Se carne, *para ser o nosso modelo de santidade*: «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim [...]» (Mt 11, 29). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (Jo 14, 6). E o Pai, na montanha da Transfiguração, ordena: «Escutai-O» (Mc 9, 7)¹⁰. De facto, Ele é o modelo das bem-aventuranças e a norma da Lei nova: «Amái-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12). Este amor implica a oferta efectiva de nós mesmos, no seu seguimento¹¹.
- 1823** Jesus faz da caridade o *mandamento novo*¹². Amando os seus «até ao fim» (Jo 13, 1), manifesta o amor do Pai, que Ele próprio recebe. E os discípulos, amando-se uns aos outros, imitam o amor de Jesus, amor que eles recebem também em si. É por isso que Jesus diz: «Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permanecei no meu amor» (Jo 15, 9). E ainda: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo 15, 12).
- 2074** Jesus diz: «Eu sou a cepa, vós as varas. Quando alguém permanece em Mim, e Eu nele, esse é que dá muito fruto, porque, sem Mim, nada podeis fazer» (Jo 15, 5). O fruto, a que se faz referência nesta palavra, é a santidade duma vida fecundada pela união com Cristo. Quando cremos em Jesus Cristo, comungamos nos seus mistérios e guardamos os seus mandamentos, o Salvador vem em pessoa amar em nós o seu Pai e os seus irmãos, o nosso Pai e os nossos irmãos. A sua pessoa torna-se, graças ao Espírito, a regra viva e interior do nosso agir. «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo 15, 12).
- 2196** Respondendo à questão posta sobre o primeiro dos mandamentos, Jesus disse: «O primeiro é: “Escuta, Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças!”. O segundo é este: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Não há outro mandamento maior do que estes» (Mc 12, 29-31).
E o apóstolo São Paulo lembra: «Quem ama o próximo cumpre plenamente a lei. De facto: “Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás”, bem como qualquer outro mandamento, estão resumidos numa só frase: “Amarás ao próximo como a ti mesmo”. O amor não faz mal ao próximo. Assim, é no amor que está o pleno cumprimento da lei» (Rm 13, 8-10).
- 2822** É vontade do nosso Pai «que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tm 2, 3-4). Ele «usa de paciência, não querendo que ninguém se perca» (2 Pe 3, 9)¹³. O seu mandamento, que resume todos os outros e nos diz toda a sua vontade, é que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou¹⁴.

¹⁰ Cf. Dt 6, 4-5.

¹¹ Cf. Mc 8, 34.

¹² Cf. Jo 13, 34.

¹³ Cf. Mt 18, 14.

¹⁴ Cf. Jo 13, 34; 1 Jo 3, 4; Lc 10, 25-37.

2842 Este «como» não é único no ensinamento de Jesus. «Sede perfeitos *como* o vosso Pai celeste é perfeito» (*Mt* 5, 48); «sede misericordiosos *como* o vosso Pai é misericordioso» (*Lc* 6, 36); «dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros *como* Eu vos amei» (*Jo* 13, 34). Observar o mandamento do Senhor é impossível, quando se trata de imitar, do exterior, o modelo divino. Trata-se duma participação vital, vinda «do fundo do coração», na santidade, na misericórdia e no amor do nosso Deus. Só o Espírito, que é «nossa vida» (*Gl* 5, 25), pode fazer «nossos» os mesmos sentimentos que existiram em Cristo Jesus¹⁵. Então, a unidade do perdão torna-se possível, «perdoando-nos mutuamente *como* Deus nos perdoou em Cristo» (*Ef* 4, 32).

CIC 756, 865, 1042-1050, 2016, 2817: os novos céus e a nova terra

756 «A Igreja é também muitas vezes chamada *construção* de Deus¹⁶. O próprio Senhor se comparou à pedra que os construtores rejeitaram e que se tornou pedra angular (*Mt* 21, 42 par.; *Act* 4, 11; *1 Pe* 2, 7; *Sl* 118, 22). Sobre esse fundamento é a Igreja construída pelos Apóstolos¹⁷, e dele recebe firmeza e coesão. Esta construção recebe vários nomes: casa de Deus¹⁸, na qual habita a sua *família*; habitação de Deus no Espírito¹⁹; tabernáculo de Deus com os homens²⁰; e, sobretudo, *templo* santo, o qual, representado pelos santuários de pedra e louvado pelos santos Padres, é com razão comparado, na Liturgia, à cidade santa, a nova Jerusalém. Nela, com efeito, somos edificados cá na terra como pedras vivas²¹. Esta cidade, São João contemplou-a “descendo do céu, da presença de Deus, na renovação do mundo, como esposa adornada para ir ao encontro do esposo” (*Ap* 21, 1-2)»²².

865 A Igreja é *una, santa, católica e apostólica* na sua identidade profunda e última, porque é nela que existe desde já, e será consumado no fim dos tempos, «o Reino dos céus», «o Reino de Deus»²³, que veio até nós na Pessoa de Cristo e que cresce misteriosamente no coração dos que n’Ele estão incorporados, até à sua plena manifestação escatológica. Então, *todos* os homens por Ele resgatados e n’Ele tornados «*santos* e imaculados na presença de Deus no amor»²⁴, serão reunidos como *o único* povo de Deus, «a Esposa do Cordeiro»²⁵, «a Cidade santa descida do céu, de junto de Deus, trazendo em si a glória do mesmo Deus»²⁶. E «a muralha da cidade assenta sobre doze alicerces, cada um dos quais tem o nome de um dos *Doze apóstolos do Cordeiro*» (*Ap* 21, 14).

¹⁵ Cf. *Fl* 2, 1.5.

¹⁶ Cf. *1 Cor* 3, 9.

¹⁷ Cf. *1 Cor* 3, 11.

¹⁸ Cf. *1 Tm* 3, 15.

¹⁹ Cf. *Ef* 2, 19-22.

²⁰ Cf. *Ap* 21, 3.

²¹ Cf. *1 Pe* 2, 5.

²² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 6: AAS 57 (1965) 8-9.

²³ Cf. *Ap* 19, 6.

²⁴ Cf. *Ef* 1, 4.

²⁵ Cf. *Ap* 21, 9.

²⁶ Cf. *Ap* 21, 10-11.

1042 No fim dos tempos, o Reino de Deus chegará à sua plenitude. Depois do Juízo final, os justos reinarão para sempre com Cristo, glorificados em corpo e alma, e o próprio universo será renovado:

Então a Igreja alcançará «na glória celeste, a sua realização acabada, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas e, quando, juntamente com o género humano, também o universo inteiro, que ao homem está intimamente ligado e por ele atinge o seu fim, for perfeitamente restaurado em Cristo»²⁷.

1043 A esta misteriosa renovação, que há-de transformar a humanidade e o mundo, a Sagrada Escritura chama «os novos céus e a nova terra» (2 Pe 3, 13)²⁸. Será a realização definitiva do desígnio divino de «reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há nos céus e na terra» (Ef 1, 10).

1044 Neste «mundo novo»²⁹, a Jerusalém celeste, Deus terá a sua morada entre os homens. «Há-de enxugar-lhes dos olhos todas as lágrimas; a morte deixará de existir, e não mais haverá luto, nem clamor, nem fadiga. Porque o que havia anteriormente desapareceu» (Ap 21, 4)³⁰.

1045 *Para o homem*, esta consumação será a realização final da unidade do género humano, querida por Deus desde a criação e da qual a Igreja peregrina era «como que o sacramento»³¹. Os que estiverem unidos a Cristo formarão a comunidade dos resgatados, a «Cidade santa de Deus» (Ap 21, 2), a «Esposa do Cordeiro» (Ap 21, 9). Esta não mais será atingida pelo pecado, pelas manchas³², pelo amor próprio, que destroem e ferem a comunidade terrena dos homens. A visão beatífica, em que Deus Se manifestará aos eleitos de modo inesgotável, será a fonte inexaurível da felicidade, da paz e da mútua comunhão.

1046 *Quanto ao cosmos*, a Revelação afirma a profunda comunidade de destino entre o mundo material e o homem:

«Na verdade, as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus [...] com a esperança de que as mesmas criaturas sejam também libertadas da corrupção que escraviza [...]. Sabemos que toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade. E não só ela, mas também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adopção filial e a libertação do nosso corpo» (Rm 8, 19-23).

1047 Assim, pois, também o universo visível está, destinado a ser transformado, «a fim de que o próprio mundo, restaurado no seu estado primitivo, esteja sem mais nenhum obstáculo ao serviço dos justos»³³, participando na sua glorificação em Jesus Cristo ressuscitado.

1048 «Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude, e também não sabemos como é que o universo será transformado. Porque a figura

²⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

²⁸ Cf. Ap 21, 1.

²⁹ Cf. Ap 21, 5.

³⁰ Cf. Ap 21, 27.

³¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

³² Cf. Ap 21, 27.

³³ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* 5, 32, 1: SC 153, 398 (PG 7, 1210).

deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reinará a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens»³⁴.

1049 «A expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes activar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra onde cresce o corpo da nova família humana, que já consegue apresentar uma certa prefiguração do mundo futuro. Por conseguinte, embora o progresso terreno se deva cuidadosamente distinguir do crescimento do Reino de Cristo, todavia, na medida em que pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, interessa muito ao Reino de Deus»³⁵.

1050 «Pois todos os bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, ou seja, todos os frutos excelentes da natureza e do nosso esforço, depois de os termos propagado pela terra, no Espírito do Senhor e segundo o seu mandato, voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o Reino eterno e universal»³⁶. Então, Deus será «tudo em todos» (1 Cor 15, 28), na *vida eterna*:

«A vida subsistente e verdadeira é o Pai que, pelo Filho e no Espírito Santo, derrama sobre todos sem excepção os dons celestes. Graças à sua misericórdia, também nós, homens, recebemos a promessa indefectível da vida eterna»³⁷.

2016 Os filhos da santa Igreja, nossa Mãe, esperam justamente a *graça da perseverança final e a recompensa* de Deus seu Pai pelas boas obras realizadas com a sua graça, em comunhão com Jesus³⁸. Guardando a mesma regra de vida, os crentes partilham a «bem-aventurada esperança» dos que a misericórdia divina reúne na «Cidade santa, a nova Jerusalém, que desce do céu, como noiva adornada para o seu Esposo» (Ap 21, 2).

2817 Esta petição é o «Marana Tha», o clamor do Espírito e da esposa: «Vem, Senhor Jesus!»:

«Mesmo que esta oração não nos tivesse imposto o dever de pedir a vinda deste Reino, teríamos espontaneamente soltado este grito, com pressa de irmos abraçar o objecto das nossas esperanças. As almas dos mártires, sob o altar de Deus, invocam o Senhor com grandes gritos: “Até quando, Senhor, até quando tardarás em pedir contas do nosso sangue aos habitantes da terra?” (Ap 6, 10). Eles devem, com efeito, alcançar justiça, no fim dos tempos. Apressa, portanto, Senhor, a vinda do Teu Reino!»³⁹.

³⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1056-1057.

³⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057.

³⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057; cf. Id, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 5-6.

³⁷ SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses illuminandorum* 18, 29: *Opera*, v. 2, ed. J. RUPP (Monaci 1870) p. 332 (PG 33, 1049).

³⁸ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, can. 26: DS 1576.

³⁹ TERTULIANO, *De oratione*, 5, 2-4: CCL 1, 260 (PL 1, 1261-1262).